

La Comédiathèque

A representação
não está cancelada

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

A representação não está cancelada

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um grupo de atores se prepara para entrar em cena em uma peça sobre as últimas horas de vida de Molière. Nada está pronto e as dificuldades estão se acumulando. Até mesmo o roubo da arrecadação do dia... Deveriam cancelar a função e precipitar assim a ruína deste teatro à beira da falência, ou jogar a qualquer custo?

Personagens:

O diretor

A diretora

O ator

A atriz

O espectador

A espectadora

O inspetor

A inspetora

Exceto o ator e a atriz, todos os papéis podem ser masculinos ou femininos.
Possíveis distribuições: 1H/7M, 2H/6M, 3H/5M, 4H/4M, 5H/3M, 6H/2M, 7H/1M

O cenário está nu, com exceção da poltrona de Molière, a única decoração da peça. Um espectador e uma espectadora, na verdade atores, estão se acomodando em algum lugar da sala. Durante a entrada do público, a diretora, que também atua como diretora de cena, já está lá, vestida com um macacão de trabalho, ocupada ajustando as luzes com o técnico de iluminação na cabine, a quem não veremos e que permanecerá mais ou menos em silêncio. Perchada em um banco ao fundo do palco, de costas e olhando para o teto, a diretora não percebe os primeiros espectadores que entram na sala para se sentar. Os espectadores também não a notam ou a confundem com uma técnica fazendo os últimos ajustes.

Diretora (*chamando o técnico de iluminação*) – Pedro! Oh, Pedro! Há uma lâmpada queimada ali. Você poderia ter verificado, pelo menos... Não posso fazer tudo sozinha. O que vamos fazer, nos viramos sem ela, não temos tempo para trocar. De qualquer forma, acho que não temos mais lâmpadas. Sim, é a crise, amigo... Não havia um centavo na caixa para comprar mais. Você vai ver... acabaremos nos iluminando com velas, como nos tempos de Molière. (*Finalmente percebe o público*) Não pode ser, eles já estão aqui... Por que os deixamos entrar? Ainda não é a hora, certo? Bem, agora que eles estão aqui, não vamos pedir que saiam. Mas nós precisamos terminar. Então, senhores e senhoras, se nos desculparem por um momento...

Continua examinando as luzes e muda o banco de lugar para outro ajuste. Fica ocupada em silêncio por um momento. Quando o público está instalado, desce do banco, dá uma olhada no palco e move um pouco a poltrona para o centro do palco.

Diretora – Você poderia iluminar um pouco a poltrona de Molière, para ver? (*O técnico de iluminação ilumina a poltrona e ela se senta nela*) Parece estar bem, não? (*Levanta-se e se aproxima da frente do palco*) Adiante, faça ficar escuro na sala, para ver como fica... (*A sala fica escura*) Sim... (*Ainda parece hesitar*) Você pode colocar um pouco mais de luz no palco da frente, do lado esquerdo? É lá que o fantasma de Molière fará seu monólogo no final. Você sabe... logo antes de jogar um balde de água nos espectadores da primeira fila... (*Ao público da primeira fila, provavelmente preocupado*) Não se preocupem, estamos no teatro. Não será água que molhará. Substituiremos a água por... Na verdade, eu não sei muito bem... (*Ao técnico de iluminação*) Pedro, você tem alguma ideia do que podemos usar para substituir a água para que não molhe? (*O técnico de iluminação não responde*) Embora, pensando bem, a água não mancha pelo menos. (*Ao técnico de iluminação*) Bem, Pedro, você está dormindo ou o quê? Onde está essa "ducha" no palco da frente? (*Ao público*) Não se preocupem, na verdade não é uma ducha. É assim que no teatro, pelo menos na França, chamamos uma luz que cai verticalmente sobre o ator, bem acima de sua cabeça, como um chuveiro. Infelizmente, muitas vezes é o único momento em que os atores se ducham... Sim, é uma profissão, o que vocês acham? Nós também temos nossa própria gíria. (*O técnico de iluminação liga o projetor no palco frontal, lado esquerdo, o "chuveiro" que ilumina a diretora*) Espere, acho que o "chuveiro" está inclinado, não está? Desligue-o, vou tentar consertar isso. Ai, juro, temos que fazer tudo sozinhos nesta casa... Já sou a dona deste teatro e a diretora de cena. Também tenho que ser eletricitista e iluminadora...

O técnico de iluminação desliga o projetor enquanto a diretora coloca o banco na frente do palco e sobe nele. Chega o diretor do teatro, que se pode supor ser tanto o parceiro quanto o marido da diretora. Está elegantemente vestido de maneira um tanto antiquada. Ele segura em sua mão a caixa metálica com fechadura que contém a arrecadação da bilheteira.

Diretor – Ah, você está aqui! Eu estava a procurando por toda parte.

Diretora – Pois é, estou aqui. Onde você quer que eu esteja? Estou trabalhando... O espetáculo está prestes a começar e nada funciona... Não me diga que o espetáculo foi cancelado de novo.

Diretor – Não, não, tranquila, o espetáculo não foi cancelado. Pelo menos não por enquanto...

Diretora – Espero... Porque tivemos que cancelar três vezes esta semana, o público vai acabar se entediando... Quase ninguém vem mais ao teatro.

Diretor – Sim, você vê... O que podemos fazer...? Com esses protocolos de saúde que estão sempre mudando. Agora é preciso passar por uma verificação completa antes de ir ao espetáculo.

Diretora – Se alguém tivesse nos dito que haveria seguranças na porta dos teatros, como nas discotecas... Mas me conte, aliás... por que o público já está aqui?

Diretor – Sim, você notou... eles estão chegando cada vez mais cedo, não é? Mesmo sabendo perfeitamente que um espetáculo nunca começa pontualmente.

Diretora – Deveríamos ter esperado um pouco mais antes de deixá-los entrar. Ainda não estamos prontos...

Diretor – Ao mesmo tempo, com todos os cancelamentos que tivemos ultimamente... é melhor deixá-los entrar de uma vez. Caso contrário, teríamos que cancelar no último minuto, pelo menos eles já teriam pago.

Diretora – E sempre encontraremos uma boa razão para não ter que lhes reembolsar.

Diretor – Enfim... terminem calmamente seus ajustes e finjam que eles não estão aqui.

Diretora – É isso mesmo... (*Ao público*) E vocês, finjam que nós também não estamos aqui.

Diretor (*para o público*) – Não se preocupem, diremos a vocês quando realmente tiver começado...

Diretora – E quando terminar... o balde de água acordará aqueles que tiverem adormecido durante o espetáculo.

Diretor – Balde de água?

Diretora – Eu lhe explicarei... É uma peça... um pouco vanguardista, você verá.

Diretor – Pensava que era uma peça sobre o Molière.

Diretora – Molière também, na sua época, era vanguardista!

Diretor – De qualquer forma, há muita gente, não é?

Diretora – Sim... Uma boa receita em perspectiva...

Diretor (*apontando para a caixa*) – Está ali, na caixa. (*Para o público*) Obrigado a todos pela vossa generosidade.

Diretora – Quanto é que há?

Diretor – Ainda não contei, mas a caixa está cheia.

Diretora – Finalmente, poderemos pagar aos atores, então.

Diretor – Sim, pelo menos se sobrar algo depois de pagar a todos.

Diretora – A todos?

Diretor – O segurança, a bilheteira, os técnicos, o ensaiador...

Diretora – Ah, porque o ensaiador também recebe?

Diretor – Ele é um técnico, não é um artista. Ele não faz isso por prazer...

Diretora – Nesse caso, também gostaria que me pagassem... Como técnica, então. Porque lembro-lhe que sou diretora de cena. Não se supõe que eu suba a um banco.

Diretor – Não se preocupe, sinto que as coisas vão mudar. O público voltará ao teatro, verá.

Diretora – Já era hora, porque estamos à beira da falência aqui... Nem sequer temos dinheiro para comprar lâmpadas para os projetores...

Diretor – Com o que há na caixa, poderemos fazê-lo, fica tranquila. Até podemos conseguir pagar aos atores.

Diretora – Entretanto, sê útil... Pode passar-me o parafuso que está na poltrona?

Diretor – Claro... Quando posso dar uma ajuda... (*O diretor coloca a caixa na poltrona, pega o parafuso e entrega à diretora*) Mas há muitos projetores, não? Será que realmente precisam de tudo isso? Não quero nem imaginar a conta de eletricidade...

Diretora – Se preferir, podemos jogar no escuro, vai custar menos... e será ainda mais vanguardista.

Diretor – Bem, se for absolutamente necessário...

Diretora – Já reduzimos o cenário ao mínimo para limitar os gastos. Supostamente a peça deveria ocorrer no Palácio de Versalhes, mas acabará se passando no camarim de Molière. Só deixamos uma cadeira!

Diretor – Quando os atores são bons, esquecemos o cenário, não é?

Diretora – Vamos falar sobre os atores. Inicialmente, a peça foi escrita para dezessete atores, e supõe-se que nós a apresentemos com três... Até eu tenho que interpretar três ou quatro personagens, e nem sequer sou atriz.

Diretor – Se quisermos apresentar a peça no Festival de Avignon, não podemos ir com dezessete pessoas! Precisaríamos de um ônibus... Também temos que ser realistas...

Diretora – Tem razão... Acho que, trabalhando um pouco mais o texto, posso fazer isso em um monólogo.

Diretor – Aliás, sobre o que é esta peça? Não entendi muito bem.

Diretora – A representação está cancelada.

Diretor – A representação está cancelada, tem a certeza? Mas porquê?

Diretora – A representação está cancelada, esse é o título da peça.

Diretor – Ah, entendi... Que título mais estúpido.

Diretora – É verdade que pode causar confusão. Ao mesmo tempo, está em sintonia com a época, não é?

Diretor – Enfim, o público veio mesmo assim, isso é o que importa.

Diretora – Sim... Eles devem estar realmente motivados...

Diretor – Mas parecem um pouco preocupados, não acha?

Diretora – Talvez não estejam errados em desconfiar.

Diretor – Quando alguém vai voluntariamente ver uma peça com o título "a representação está cancelada", não pode exigir um reembolso se isso for verdade.

Diretora – Isso é certo.

Diretor – E, exatamente, sobre o que trata esta obra-prima?

Diretora – É a história das últimas horas de Molière, pouco antes da sua morte. A companhia está se preparando para entrar em cena, mas Molière está doente. Ele hesita. Deve atuar apesar de tudo ou cancelar a representação?

Diretor – E depois?

Diretora – E depois... eles estão à beira da falência, como nós. Devem atuar a todo custo. Para não terem que reembolsar o público.

Diretor – É uma peça sobre o teatro, resumindo.

Diretora – Exatamente. Uma peça sobre as grandezas e misérias da vida de artistas.

Diretor – Bom, é hora de irmos agora.

Diretora – Claro. Porque uma peça chamada "a representação está cancelada"... não podemos cancelá-la.

Diretor – Sim... O que diremos ao público?

Diretora – Ninguém acreditará em nós. Pensarão que faz parte da peça...

Diretor – Vamos lá, desejo-vos boa sorte.

Diretora – Igualmente, desejo-lhe boa sorte a você.

Diretor – Agarra na chave de fendas, vou tirar o banco.

Diretora – Muito engraçado.

Diretor – Sim, devia ter seguido a comédia também...

O diretor sai, esquecendo a caixa no sofá. A diretora desce do banco.

Diretora – Pedro? Volta a ligar a ducha, a ver... (*O regulador liga novamente o projetor no palco*) Bem, agora está bom...

O ator e a atriz da peça entram no palco vestidos com roupas desportivas. O ator segura o texto da peça intitulada "A representação está cancelada".

Ator – Onde está o dono? Estamos à procura dele...

Diretora – Ele acabou de sair. Mas o que ainda estão a fazer com essas roupas? Isto passa-se no século XVII. Vocês interpretam Jean-Baptiste Poquelin e Armande Béjart. Ainda não estão com os trajes de cena?

Atriz – Estamos a fazer um aviso de greve.

Diretora – Uma greve? Isto é uma brincadeira... Nunca se viu um ator em greve!

Ator – Há um mês que não recebemos os nossos honorários. Se isto é uma brincadeira, já não achamos piada nenhuma.

Diretora – O que querem? Todas as representações foram canceladas! Cancelamento significa sem receita, e sem receita significa sem honorários...

Atriz – Verão em breve que nos culparão a nós.

Ator – E sabem o que o diretor nos disse com desfaçatez?

Diretora – O quê?

Ator – Que quando se tem um trabalho como o vosso, nestes tempos, devíamos estar contentes por poder trabalhar!

Diretora – Sim, eu sei... Para ele, o teatro é como o amor. Quando o fazes por prazer, não deves ser remunerado.

Atriz – Bem, desta vez queremos ser pagos antecipadamente, como as prostitutas. Se não, não atuamos.

Diretora – Não se preocupem. Hoje tivemos uma boa bilheteira. Vejam, a sala está cheia.

O ator e a atriz finalmente notam a presença do público.

Ator – Não? O público já está aqui?

Atriz – E se decidirmos não atuar?

Diretora – Agora que eles estão aqui...

Ator – Fizeram-nos entrar mais cedo para nos pressionar, não é?

Diretora – Serão pagos, garanto-vos.

Atriz – Atuar de graça, e mais o quê?

Ator – Pensam que somos amadores?

Atriz – Se ao menos fosse para atuar numa obra-prima. Uma peça de sucesso que relance a nossa carreira. Mas aqui...

Ator – A propósito, de quem é esta peça, na realidade?

Diretora – Raios, acabei de perceber que esqueci de colocar o nome do autor no cartaz. Espero que ele não note. Esses autores são tão suscetíveis...

Atriz – Ah sim, se o convidou para a estreia, ele ficará feliz em ver que nem o nome dele está no cartaz. Especialmente se ele também não está sendo pago...

Diretora – Maldição! Também esqueci de convidá-lo... De qualquer forma, modifiquei tanto a sua peça. Não tenho a certeza de que ainda possamos dizer que é dele...

O ator dá uma olhada no texto da peça que tem na mão.

Ator – "A representação está cancelada"... É verdade, com todas as versões que nos fiz passar, já não sabemos qual é a certa.

Atriz – Sim... Está tão riscado... Mal se consegue ler.

Diretora – Digam-me pelo menos que sabem o vosso texto.

Ator – Sim, sim, não se preocupe...

Atriz – Conhecemos a história, pelo menos. Em resumo...

Diretora – A história?

Ator – Disse-nos que podíamos improvisar, não foi?

Diretora – Eu disse isso?

Atriz – Até mencionou os termos "Movida" e "Nouvelle Vague".

Diretora – Não, mas quando falei em improvisar um pouco, era para acrescentar ao texto. Não em vez dele. Nouvelle Vague, que disparate... Lembro-vos que estamos num palco de teatro. Não temos múltiplas tomadas como num set de cinema.

Atriz – Não se preocupe, vamos dar conta do recado. Somos profissionais, não somos?

Ator – Sim, somos profissionais. E é por isso que nos importamos tanto que nos paguem, sabe?

Diretora – Bem, agora peço-vos que se vistam! Por estarem tão adiantados, vamos acabar por chegar atrasados.

Atriz – E se atuássemos assim?

Diretora – Assim?

Ator – Não sei... Com roupa casual... Seria mais moderno, não?

Diretora – Eles também não têm os fatos deles...

Atriz – Mas têm! Bem... encontraremos.

Ator – Com certeza...

Atriz (*para a diretora*) – Não foste você que devia ir à lavandaria buscá-los?

Diretora – À lavandaria? Mas em que pensam que estão? Num teatro subsidiado? Eles estão nos seus camarins, com os seus fatos. Bem, pelo menos acho que sim... Agora, despachem-se antes que eu faça algo de que me arrependa...

Os dois atores saem.

Diretora – Ah, juro que devia ter escolhido um filme de animação... Pelo menos, não teria que lidar com os estados de espírito dos atores. (*Dirige-se uma última vez à encenadora*) Pedro, pode vir por uns minutos atrás do palco? Tenho algo para lhe dizer sobre o som.

Encenadora (*em off*) – Ah, porque há som?

Diretora (*sem se saber se está a brincar ou não*) – Não, exatamente. Terá que fazer os efeitos sonoros a partir da cabina técnica. Eu explico-lhe...

Ela fecha o banco e sai com ele. Silêncio.

Voz em off – Enquanto esperam o início do espetáculo "A representação está cancelada", um pouco de publicidade.

Os anúncios seguintes são no estilo antigo e exagerado dos anúncios dos anos 1950.

Voz em off – Gosta de cavalos, mas não sabe onde ir para satisfazer a sua paixão? Dirija-se a um especialista. Casa Cavalos, a sua talho de cavalo de pai para filho há mais de um século. Casa Cavalos, um talhante muito exigente quanto à qualidade. Não tem tempo para fazer compras ou deseja manter o anonimato? Também oferecemos o nosso serviço de entrega ao domicílio. Com total discrição e... a toda ao galope.

Música de transição.

Voz em off – Uma torneira a pingar, uma fuga por baixo do lavatório, um cano entupido... ou simplesmente vontade de fazer novas ligações? Liga imediatamente para Canalizadores e Companhia, especialistas que ouvem todas as tuas necessidades e desejos. Canalizadores e Companhia, o bom conselho para todos os teus problemas de canalização, com profissionais à tua disposição que saberão compreender-te e satisfazer-te. Canalizadores e Companhia, uma empresa certificada e amiga dos LGBT+.

No final da música deste segundo anúncio, enquanto a penumbra toma conta do palco, um personagem chega coberto por um lençol branco, como um sudário de fantasma. Olha para os lados, pega na caixa esquecida no sofá e sai.

A luz volta ao palco e entra a diretora. Ela tirou a sua roupa de trabalho e está vestida de cidade.

Diretora – Obrigada a todos pela vossa paciência... Dado que todos na sala têm antecedentes criminais limpos e um certificado de vacinação atualizado, a peça pode começar. Antes disso, permitam-me agradecer também a todos os nossos generosos patrocinadores, bem como ao presidente da câmara deste encantador município que, embora esteja atualmente preso por desvio de fundos, tem permissão para estar aqui connosco esta noite... Enfim, pela tranquilidade de todos, peço que desliguem os vossos telemóveis e, durante toda a duração da representação, evitem beijar-se, tossir, assoar o nariz, cuspir ou... (*Interrompe-se ao ver o diretor aparecer no palco*) Sr. Diretor, queria acrescentar alguma coisa...?

Diretor (*em voz baixa*) – Não viu a caixa?

Diretora – Desculpa?

Diretor – A minha caixa! Deixei-a ali, no sofá. Não a apanhou?

Diretora – Claro, acuse-me de ladrã, também.

O diretor atravessa o palco, em pânico, recitando as primeiras linhas do monólogo de "O Avarento".

Diretor – Ao ladrão! Ao ladrão! Ao assassino! Ao assassino! Justiça, céu justo! Estou perdido, estou assassinado. (*Voltando-se para a diretora*) Cortaram-me a garganta, roubaram-me o dinheiro...

Diretora – Mas, anda lá, acalme-se! Não fui eu, digo-lhe! E além disso, vê bem que nos estão a olhar...

Diretor – Então, se não foi você, quem foi?

Diretora – Diz que a deixou no palco?

Diretor – Esqueci-me, foi isso! Deixei-a ali, naquele sofá, quando me pediu para passar-lhe a chave de fendas e depois...

Diretora – Só saí por uns minutos com a encenadora antes de...

Diretor – E eu estava a discutir com os atores. Foi quando quis pagar-lhes com o que estava na caixa, que me apercebi...

Diretora – Então, quem poderia ter roubado a tua caixa?

Eles lançam um olhar suspeito para a plateia.

Diretor – Não acha?

Diretora – Quem mais?

Diretor – Não sei...

Diretora – E então? Jogamos, não jogamos?

Diretor – Não podemos agir como se nada tivesse acontecido e deixá-los sair no final com a caixa.

Diretora – Embora, no fundo, um pouco seja o dinheiro deles.

Diretor – Bem, então, o que fazemos? Cancelamos o espetáculo...?

Diretora – De qualquer forma, os atores se recusarão a atuar se não forem pagos antecipadamente.

Diretor – Com o quê quer que os pague agora? Roubaram a bilheteira! *(Para o público)* Como resultado, também não poderemos reembolsá-los.

Diretora – Bem, sim...

Diretor – Pediria que fiquem sentados em seus lugares esperando a chegada da polícia...

Diretora – Já chamou a polícia?

Diretor – Estão a caminho. Não devem demorar...

Diretora – Ah sim... Acho que ouvimos a sirene...

A partir da cabine de controle, o técnico de som pode ativar um som aproximado de uma sirene de polícia.

Diretor – Um assalto... Num teatro, percebe?

Diretora – Um assalto, talvez seja um pouco exagerado...

Diretor – É a mesma coisa, não é? Roubaram a caixa...

Diretora – É verdade que... é o golpe final.

Diretor – Sim... Desta vez, é a falência...

Diretora – Temos que admitir que o teatro sempre foi um negócio arriscado. O modelo econômico do teatro é a falência. Desde que nasceu, o teatro nunca parou de morrer.

Diretor – Talvez o teatro em geral, mas no nosso caso em particular, acho que realmente é o fim. Se não encontrarmos esse dinheiro, teremos que fechar.

Diretora – Como chegámos a isto?

Diretor – Se tivéssemos oferecido ao público peças... mais populares, exatamente. O que atrai as pessoas ao teatro são as boas comédias.

Diretora – Se soubéssemos a fórmula mágica das boas comédias, faríamos apenas isso. *(Virando-se para o sofá)* Teríamos que pedir a receita ao senhor Molière...

Diretor – De qualquer forma, ficámos sem dinheiro... Desta vez, acho que não há outra solução. Temos que vender este teatro. *(Tira o seu telemóvel)* Vou colocar um anúncio imediatamente...

Diretora – Talvez haja um comprador na plateia... Poderíamos leiloá-lo!

Diretor – Por que não? Vamos lá, preço inicial 200.000 euros. Alguém oferece mais? Ninguém? Então 100.000? 50.000...?

Diretora – É verdade que nos tempos que correm, ter o projeto de comprar um teatro... A menos que tenha passado os últimos dez anos da tua vida em coma...

O inspetor e a inspetora entram em cena, vindo dos bastidores ou da plateia. O inspetor tem a aparência do Inspetor Colombo, e ela se parece com a sua versão feminina. O inspetor dá uma olhada no palco, enquanto a inspetora fareja o ar como um cão policial.

Inspetor (*mostrando sua placa*) – Inspetor Colombo. E aqui está a minha assistente, Pereira...

Inspetora – Ferreira.

Inspetor – Desculpe?

Inspetora – Ferreira. Meu nome é Ferreira, não Pereira.

Inspetor – Pereira, Ferreira... É quase a mesma coisa, não é?

Inspetora – Mesmo assim, o meu nome é Ferreira. Trabalhamos juntos há três anos, acho que agora deveria conseguir lembrar-se, não?

Inspetor (*para o diretor*) – Estas Cabo-verdianas são tão sensíveis...

Inspetora – Açorianas!

Inspetor – O que mais? O que eu disse agora?

Inspetora – Sou natural dos Açores, não do Cabo Verde.

Inspetor – Bem, Pereira... Não vamos passar o dia a discutir isso, certo? Temos um caso para resolver aqui.

Diretor – De qualquer forma, obrigado por virem tão rapidamente.

Inspetora – Ferreira, não deveria ser tão difícil...

O inspetor olha para o palco e para as luzes que o cegam, enquanto a inspetora cheira o diretor e a diretora.

Inspetor – O que é isto? Um espetáculo de striptease?

Diretora – Isto é um teatro, inspetor... É quase a mesma coisa, exceto que as atrizes estão vestidas. Geralmente...

Inspetora – Então, se entendi bem, roubaram... a vossa caixa.

Diretor – Sim, inspetor.

Inspetor – Isto não é uma brincadeira, certo? Porque já sabe, temos coisas mais importantes para fazer do que agir como palhaços...

Diretor – Não é uma brincadeira, acredite. Seria mais uma tragédia.

Inspetora – Mas quando diz uma caixa, está a referir-se a...?

Diretor – Trata-se da bilheteira do teatro.

Inspetor – Ah, entendi... Roubaram a bilheteira, então. A bilheteira do teatro...

Diretora – Se não a encontrarmos, é uma catástrofe. Já temos de cancelar o espetáculo...

Inspetora – E onde estava essa caixa?

Diretor – Estava ali, no sofá de Molière.

Inspetor – Deixa o dinheiro num sofá, à vista de todos, e surpreende-se quando o roubam?

Diretor – Pensei que estávamos entre pessoas de confiança.

Diretora – Sabes como é, o teatro é uma grande família.

Inspetora – Há testemunhas?

Diretor – Testemunhas? Sim, há muitas...

Inspetor – E onde estão essas testemunhas?

Diretora – Estão à vossa frente.

O inspetor e a inspetora percebem a presença da plateia.

Inspetora – Não os tinha visto... O que fazem aqui?

Diretora – É o público! Já lhe disse, estamos num teatro.

Inspetor – Bem, se me tivessem dito que um dia estaria no palco de um teatro, diante do público. Não é verdade, Pereira?

Diretor – Nunca é tarde para começar uma carreira como ator, Inspector Colombiano.

Inspetor – Colombo. Inspector Colombo.

Inspetora (com ironia) – Oh... Colombo, Colombiano... É quase a mesma coisa, não é?

Inspetor – E então... o roubo aconteceu diante dos seus olhos.

A inspetora desce até a plateia, fareja o ar e investiga alguns espectadores.

Diretora – Sim.

Inspetora – E, claro, ninguém viu nada...

Diretor – Isso... teremos de perguntar.

Inspetor – E o técnico de som ali? Ele também não viu nada?

Diretora – Ele estava comigo nos bastidores logo antes do início da peça.

Silêncio enquanto o inspetor inspeciona o palco com um olhar suspeito e dá uma olhada nos bastidores. Enquanto isso, a inspetora percorre a sala, observa os espectadores e até vai até à cabine de controlo. Quando retorna, ela para em frente a um falso espectador e cheira-o.

Inspetora – Tem o seu cartão de vacinação?

Espectador – Claro...

O espectador mostra um documento à inspetora, que parece ficar satisfeita. A inspetora sobe ao palco.

Inspetor – Não seria antes um esquema?

Diretor – Um esquema?

Inspetor – Conhecemos o truque, sabe? Esconde-se o dinheiro em algum lugar, declara-se roubado e depois obtém-se o reembolso do seguro.

Diretora – Asseguro-lhe, inspetor, que...

Inspetora – Então, resumindo, quem são os suspeitos? *(Para o diretor)* Você...

Diretor – Mas vá lá... Eu sou a vítima! Sou inocente!

Inspetor – Todo inocente é um culpado que desconhece a sua culpa. Quem mais estava neste teatro no momento do roubo?

Diretor – Bem... estavam os atores da peça, obviamente.

Inspetora – E onde estão?

Diretora – Devem estar nos camarins, suponho, à espera de saber se o espetáculo é cancelado ou não.

Inspetor – Então, o que estão à espera? Vão buscá-los!

Diretora – Vou já.

A diretora sai.

Inspetora – Têm alguma razão para suspeitar de alguém em particular?

Diretor – Não... É a primeira vez que algo assim acontece neste honroso estabelecimento, asseguro-vos.

Inspetor – De facto, não é comum sermos chamados por um roubo num teatro. Não é verdade, Pereira?

Diretor – Tem de se dizer que na maioria das vezes não há muito para roubar. Exceto a bilheteira... que normalmente é tão escassa que não interessa aos ladrões.

Inspetora – E os seus atores? Acha que algum deles poderia ter cometido este roubo...?

Diretor – Não sei... É verdade que eles não recebem há semanas e estão a começar a passar fome. Como sabem, todos estamos a passar por um momento difícil...

O inspetor dá uma vista de olhos pela sala.

Inspetor – E aqueles... Estão bem alimentados, mas todos parecem ter algo a esconder...

Diretor – Já sabe, há tão pouca gente que ainda vai ao teatro nos dias de hoje... Não podemos dar-nos ao luxo de ser seletivos com os clientes. Desde que estejam vacinados.

Inspetora – Interrogá-los-emos mais tarde.

A diretora regressa com a atriz.

Diretora – Aqui está a atriz que ia interpretar o papel de Armande.

Inspetor – Armande?

Diretora – Armande Béjart. A esposa de Molière.

Inspetora (*apontando para a cadeira*) – Sente-se aí, Armande. (*Senta-se*). Bem, então nome, sobrenome, idade, ocupação...

Atriz – Béjart, Armande, esposa de Poquelin, atriz, nascida numa data e local incertos, e, portanto, com uma idade questionável.

Inspetor – Um pedigree interessante... Então, senhora Béjart...

Atriz – Senhorita.

Inspetora – Você acabou de me dizer que é casada.

Atriz – Saiba que uma atriz nunca revela a sua idade e é sempre tratada como senhorita, mesmo que seja casada.

Inspetor – Bem... E o que sabe sobre este roubo... senhorita?

Atriz – Nada.

Inspetora – É estranho, o contrário teria sido surpreendente.

Diretora – Se ela diz que não sabe nada... nem sequer sabe o seu texto... Talvez seja por isso que lhe convém que o espetáculo seja cancelado, aliás...

Atriz – O que está a insinuar?

Diretora – Não seria você quem roubou a caixa? Apenas para evitar ter de aprender o seu texto.

Atriz – Pelo menos eu não preciso de dormir com o diretor para conseguir um papel.

Diretora – Repita isso, por favor...

Estão prestes a discutir. O diretor intervém.

Diretor – Vamos lá, senhoras, mantenhamos a cortesia... (*Para os polícias*) Disse-vos, o teatro é uma grande família. E como em todas as famílias, por vezes há desentendimentos...

Inspetor – E o resto da família, onde está? Suponho que não foi um monólogo...

Diretora – Sim, há outro ator.

Inspetora – Então, por que não está aqui?

Diretora – É verdade, não estava no seu camarim, onde estará?

Atriz – Não sei.

Inspetor – O pano está prestes a subir e você não sabe onde está o seu colega de cena?

Atriz – Eu não sou a mãe dele, certo? Além disso, por que estão à procura dele? Querem oferecer-lhe um papel?

Inspetora – Por que não o papel do culpado? Se desapareceu, talvez tenha ido com a caixa.

Inspetor – Emitiremos um mandado de busca. *(Para a diretora)* Têm a descrição dele?

Diretora – Tenho algo melhor, Inspetor. Tenho o seu portfólio de ator...

A diretora sai momentaneamente para os bastidores.

Inspetor – O portfólio dele?

Diretor – Vejam, é muito mais preciso do que um retrato falado.

A diretora regressa com um portfólio que entrega ao inspetor.

Diretora – Aqui tem, Inspetor.

Inspetor – Muito bem, por agora é tudo. Deixamos-vos resolver os vossos problemas familiares.

Inspetora – Vamos inspecionar o local. Mas até nova ordem, ninguém sai daqui.

O inspetor e a inspetora saem.

Atriz – Posso ir também ou ainda têm mais perguntas para mim?

Diretor – Pode ir, mas ouviu o inspetor, certo? Ninguém pode sair até encontrarmos o culpado...

Ela sai.

Diretora *(para o público)* – Desculpem por todos esses pequenos inconvenientes inesperados. Esperamos resolver isso rapidamente e o espetáculo continuará em breve.

Diretor – Com um bom ambiente, espero...

Diretora – Bem, mas teremos que mantê-los ocupados enquanto isso...

Um espectador, que na verdade é um ator, se manifesta na plateia.

Espectador – Com licença...

O diretor e a diretora, surpresos, viram-se para ele.

Diretor – Sim...

Espectador – Posso?

Ele se levanta e sobe ao palco sem esperar autorização.

Diretor – Claro...

Espectador – Desculpem por irromper assim em sua discussão e subir ao palco sem ser convidado, mas se eu puder ajudar um pouco à minha maneira...

Diretora – Estamos ouvindo...

Espectador – Vejam, sempre fui amigo do teatro. Na verdade, também atuo um pouco como amador. E sem pretensões, é claro...

Diretor – Muito bem... mas como deve ter notado, no momento não estamos em posição de lhe oferecer um papel.

Espectador – Claro... Nem mesmo ousaria pedir. Vocês são profissionais e eu... sou apenas um ator de domingo, como se diz.

Diretora – Nesse caso, se me permite, em que poderia nos ajudar?

Espectador – Bem... talvez financeiramente.

Os outros dois ficam em silêncio por um momento.

Diretor – Bem, bem...

Espectador – Ouvi dizer que estão a passar por alguns problemas financeiros temporários.

Diretora – Podemos até dizer que este teatro está numa situação de insolvência permanente desde a sua criação.

Espectador – Acontece que, sem ser milionário, tenho algumas economias que não sei o que fazer com elas. Vocês sabem como está a inflação nos dias de hoje, é melhor não deixar o dinheiro dormir no banco. Quanto à conta de poupança, pelo pouco que rende, é melhor guardar algumas barras de ouro debaixo do colchão.

Diretora – O que, aliás, deve ser bastante desconfortável...

Diretor – Então, você pensou que fazer crescer suas economias e diversificar seus investimentos poderia ser uma opção a considerar ao investir no teatro.

Diretora – De facto, é bastante extravagante.

Espectador – Na verdade, não estou a pensar em ganhar dinheiro, sabem? Mas já que estamos nisso, pelo menos posso apoiar os artistas. Além disso, gosto de vocês, então pensei que... Mas desculpem, não sei o que me deu. Não sou do meio e... Peço desculpa novamente por tê-los incomodado...

Diante da incredulidade dos outros dois, ele se prepara para voltar ao seu lugar, mas o diretor o impede.

Diretor – De maneira alguma, por favor...! Por favor, fique conosco...

Diretora – Aqui, sente-se.

Ele se senta na cadeira com evidente satisfação.

Espectador – Este é o sofá de Molière, certo?

Diretor – Sim, bem... apenas na peça, suponho.

Diretora – Embora o antiquário que me vendeu tenha garantido que era da época e, portanto, nada nos impede de sonhar que Molière em sua época o tenha honrado com su ilustre traseiro.

Diretor – Então, você estaria a considerar... fazer um empréstimo?

Diretora – Ou talvez uma doação, quem sabe...

Espectador – Eu estava pensando mais em um investimento imobiliário.

Diretor – Olhe só...

Diretora – Você poderia ser mais específico? Não tenho a certeza...

Espectador – Vocês precisam de dinheiro, eu tenho dinheiro. Compro o edifício de vocês e assim podem continuar a sua nobre atividade. Em troca de um aluguer irrisório.

Diretor – Bem... um aluguer irrisório para uma atividade igualmente irrisória... Parece-me muito apropriado.

Espectador – Claro, não tenho muito a oferecer, mas se entendi bem, vocês não têm muitas opções.

Diretora – É muito gentil de sua parte lembrar-nos disso.

Diretor – E quando diz "não tenho muito a oferecer"... estamos a falar de quanto, mais ou menos?

Espectador – Apenas me atrevo a dizer em voz alta. Prefiro escrever...

O espectador tira um cartão de visita e um lápis, escreve um número e entrega o cartão ao diretor. O diretor olha a quantia escrita no papel.

Diretor – Ah, sim... Entendo melhor por que fala em um aluguel irrisório. Dada a quantia que propõe por esta compra.

Em seguida, ele passa o cartão de visita para a diretora.

Diretora – Tem certeza de que não esqueceu um zero?

Espectador – Sabem, o valor de um bem é avaliado pelo rendimento que se pode esperar dele. E no caso de um teatro, esse rendimento é praticamente nulo. Quando não é negativo.

Diretora – Visto desse jeito, claro...

Espectador – De qualquer forma, não se trata de fazer um bom negócio, certo? Mas sim de ajudar as artes cênicas, que neste momento nunca estiveram tão mal. Considere isso mecenato.

Diretor – Você me pegou um pouco de surpresa, mas... prometo que pensarei nisso e lhe darei uma resposta sem demora.

Espectador – Meu número está neste cartão de visita.

A diretora devolve o cartão de visita ao diretor.

Diretor – Francisco Pomba, Filantropo...

Diretora – Não sabia que ser filantropo era uma profissão...

Espectador – Seria mais uma vocação. Para não dizer um sacrifício.

O espectador se levanta para sair do palco.

Diretora – Bem, obrigado pela sua generosidade, Sr. Pomba... Molière tinha Luís XIV como patrono, mas com mecenas como o senhor, o teatro contemporâneo ainda tem um futuro brilhante.

Espectador – Permitem-me dar uma olhada nos bastidores? Sou curioso, entendem... e se em breve devo investir algum dinheiro nesta questão.

Diretor – Mas é claro, sinta-se em casa. Quando alguém compra um restaurante, tem todo o direito de ver o estado da cozinha...

O espectador desaparece nos bastidores.

Diretor – Não é uma oferta maravilhosa, mas poderia nos salvar, não?

Diretora – Salvar? Vendendo o nosso teatro a um desconhecido?

Diretor – Você ouviu o que ele disse. Ele faria isso principalmente para nos ajudar.

Diretora – Claro, é por isso que desconfio. Tenho tendência a considerar todo filantropo como um suspeito em potencial.

Diretor – Ao mesmo tempo, será que realmente temos outra opção?

Diretora – E quem sabe, talvez encontremos esse dinheiro...

O inspetor e a inspetora retornam com o ator, algemado.

Inspetora – De qualquer forma, encontramos o ladrão.

Inspetor – Ele estava no bar da esquina, completamente bêbado.

Ator – Bêbado? Mas de jeito nenhum!

Inspetora – Você falará quando o interrogarmos. Enquanto isso, sente-se ali.

Eles empurram o ator para se sentar na cadeira.

Diretor – Ele confessou?

Inspetor – Ainda não. Mas vai confessar, não se preocupem. Confissões espontâneas são a nossa especialidade.

Diretora – De qualquer forma, por enquanto não temos certeza de que seja ele.

Inspetora – Com a aparência de culpado que ele tem, admitam que seria uma pena, não?

Diretor – Vamos deixá-lo se explicar, pelo menos.

Inspetor – Bem, então nome, sobrenome, idade, ocupação...

Ator – Poquelin, Jean-Baptiste. Data de nascimento desconhecida, mas batizado em 15 de janeiro de 1622 em Paris. Ator e dramaturgo. Casado com Mademoiselle Armande BÉjart, também atriz.

Inspetora – Então, Jean-Baptiste, você foi quem roubou essa caixa, sim ou não?

Ator – Não tenho nada a ver com essa história. E quero ver meu advogado.

Inspetor – Seu advogado... Ouve isso, Pereira? Você assiste muita televisão, velho. E por que não o seu agente também?

A atriz retorna.

Atriz – O que isso significa? Vocês não têm esse direito! O que fizeram com ele?

Inspetora – Ele é o principal suspeito neste caso.

Atriz – E por que isso?

Inspetora – O pegamos na tabacaria quando ele estava tentando escapar.

Atriz – Eu o mandei buscar cigarros!

Inspetora – Fornecer-lhe um álibi é o que entendemos. Mas seu depoimento não é crível. Você é a esposa dele.

Atriz – Mas afinal, sou apenas a esposa dele no palco, não na vida real. Acreditaram mesmo que me chamo Armande BÉjart e ele Jean-Baptiste Poquelin?

Inspetora – E ainda piorou sua situação! Suplantação de identidade, sabem quanto isso pode custar?

Atriz – Somos atores. Suplantar identidades é o nosso ofício.

Inspetor – Está registado. Ele não tinha nenhum pacote de cigarros consigo também.

Ator – Colocaram as algemas antes de eu ter tempo de os comprar!

Inspetora – Também não tinha essa tal caixa, aliás.

Ator – Nesse caso, não têm qualquer prova contra mim.

Inspetora – Encontraremos testemunhas, não se preocupe. *(Para o público)* É mesmo este homem que viram sair com a caixa?

A falsa espectadora na sala fala.

Espectadora – É difícil dizer, Inspector... ele estava como um fantasma.

Inspetor *(para o diretor)* – Um fantasma... Quem é essa maluca?

Diretor – Uma espectadora... Não conhecemos todos, sabem.

Inspetora – Ouvimos você, querida senhora. O que estava a dizer?

Espectadora – Estou a dizer que ele tinha um lençol na cabeça.

Inspetor – Um lençol?

Espectadora – Sim, um lençol. Como um fantasma, se preferirem. No início, pensámos que fazia parte da peça...

Diretora – É verdade que o fantasma de Molière deve aparecer no final, antes de...

Inspetor – Bem... vá buscar um lençol.

A diretora sai.

Inspetora – Um fantasma...

Inspetor – Acredita em fantasmas, Pereira?

Inspetora – Não.

Inspetor – Eu também não.

A diretora regressa com vários lençóis. Ela entrega um à inspetora.

Inspetora (ao ator) – Levante-se.

Ele levanta-se e ela coloca o lençol sobre a cabeça e o corpo dele.

Inspetor – Avance.

O inspetor conduz o ator até à frente do palco.

Inspetora (para o público) – Senhoras e senhores, é mesmo este homem que viram roubar esta caixa?

Espectadora – Sim, era exatamente igual a isto. Embora, como estava escondido debaixo de um lençol... Como saberemos se é realmente ele...?

Inspetor – Está certa... Pereira, vamos fazer uma jogada.

Eles pegam os outros dois lençóis e cobrem a atriz e a diretora. Em seguida, alinham os três fantasmas na frente do palco e fazem-nos trocar de lugar várias vezes.

Diretor – O que estamos a fazer aqui? A jogar às conchas?

Inspetor (para o público) – E agora? Qual é?

Pequena improvisação se o público reagir. Fazem os três fantasmas trocar de lugar novamente, sempre em linha.

Inspetor – E agora?

Inspetora – Acabei de receber a resposta ao meu pedido de informação sobre os diferentes suspeitos.

Inspetor – E então, o que diz?

Inspetora – Bem, Sr. Diretor, não é bonito, bonito...

O ator, a atriz e a diretora retiram os lençóis que os cobrem.

Diretor – Desculpe-me?

Inspetora – Não nos disse que tinha antecedentes criminais?

Diretor – Um obscuro caso de proxenetismo que nunca foi completamente resolvido. Fui condenado por falta de provas...

Inspetora – Geralmente, em caso de falta de provas, alguém é absolvido...

Inspetor – O que tem a dizer em sua defesa, Sr. Diretor? Há pouco afirmava que se tratava de um estabelecimento respeitável...

Diretor – Sr. Inspetor, permita-me dizer-lhe que na época de Molière, todos os atores eram considerados pela Igreja como depravados e, como tal, eram colocados ao mesmo nível das prostitutas. Portanto, quase poderíamos dizer que todo diretor de teatro é um proxeneta em potencial.

Inspetora – Se a Igreja desconfiava tanto dos atores, deve haver uma razão. Não há fumo sem fogo...

Diretora – A verdadeira razão desta perseguição é que o teatro fazia concorrência à Igreja. A igreja também é um teatro, mas o espetáculo é sempre o mesmo. Os padres nos consideravam como rivais a eliminar.

O inspetor agarra o ator.

Inspetor – Bem, vamos levar este aqui para a esquadra. Talvez com alguns golpes na cabeça com as obras completas de Molière, ele fale mais.

A atriz interrompe com um ar teatral.

Atriz – Antes, terão de passar por cima do meu corpo.

Inspetor – Não prometo nada, Béjart, mas enquanto isso, também a levaremos por falso testemunho.

O inspetor e a inspetora saem com o ator e a atriz.

Diretor – Com tudo isso, não encontramos o dinheiro, não podemos reembolsar os espectadores...

Diretora – Afinal, por que reembolsá-los? Estamos oferecendo um espetáculo, não estamos?

Diretor – E provavelmente muito menos aborrecido do que a peça que estava programada... Porque entre nós, as últimas horas de Molière...

Diretora – Se conseguirmos aguentar mais meia hora, poderemos dizer que lhes demos o que pagaram.

Diretor – Meia hora? Estamos no limite aqui. Esta história já está a ficar seriamente estagnada.

Diretora – O que precisamos é de uma reviravolta inesperada.

Diretor – Nem sequer temos atores! A polícia acabou de levá-los.

Diretora – Sim, teremos que pensar em substituí-los.

Diretor – Talvez haja pessoas na plateia que queiram fazer teatro... Aceitando não serem pagos, é claro.

Em improvisação, o diretor e o diretor de cena perguntam a alguns espectadores se eles gostariam de fazer teatro. Eles descartam vários por várias razões. Finalmente, escolhem a espectadora que se manifestou anteriormente e o falso espectador que voltou ao seu lugar na plateia. Também podem optar por um espectador real escolhido ao acaso. Eles os fazem subir ao palco.

Diretora – Já fez teatro antes?

Espectadora – Não...

Improvisação se o outro espectador responder.

Diretora – Vamos fazer uma pequena improvisação para ver.

Diretor – Certo.

Diretora – Então, imagine isto. Chega a casa uma noite e o seu marido transformou-se numa pomba.

Espectadora – Numa pomba?

Diretora – Numa pomba grande.

Espectadora – Está bem.

Diretor (*para o espectador*) – Você será a pomba.

Espectadora – Não se parece muito com uma pomba.

Diretor – Estamos no teatro. Só precisa de imaginar...

Espectadora – Ah, sim.

Diretor (*para a espectadora*) – Então, saia para os bastidores e faça uma entrada.

Ela sai e entra novamente.

Espectadora – Olá, querido. Teve um bom dia?

O espectador provavelmente responde sim.

Espectadora – E... o que vamos comer esta noite?

Diretora – O que vamos comer esta noite?

Espectadora – Sim...

Diretora – O seu parceiro transformou-se numa pomba e a única pergunta que lhe ocorre fazer é o que vão comer esta noite?

Espectadora – Bem, sim.

Diretora – Não sei, devia estar surpreendida.

Espectadora – Uma vez que já me disseram, não estou surpreendida. Além disso, não se parece nada com uma pomba. Isso também não ajuda.

Diretora – Está bem, vamos começar de novo. (*Para a espectadora*) Você, saia... (*Para o espectador*) E você, esforce-se também! Tente ser uma pomba.

A espectadora sai e entra novamente.

Espectadora – Olá, querido. Teve um bom dia?

O espectador dá alguns passos tentando imitar uma pomba.

Espectador – Sim, mas não sei o que me aconteceu. Veja, transformei-me numa pomba.

Espectadora – Oh, meu Deus! E o que vamos comer esta noite?

Diretor – Você não é casada?

Espectadora – Não.

Diretor – Bem...

Diretora – Volte para o seu lugar. Chamaremos você novamente.

O espectador e a espectadora voltam a sentar-se na sala. O falso espectador pode aproveitar para sair.

Diretor – Sem dinheiro na caixa, os atores detidos...

Diretora – Espectadores terríveis como atores...

Diretor – Este espetáculo está em apuros.

Diretora – No entanto, era um bom tema. As últimas horas de Molière.

Diretor – Começo a me perguntar se não é o título que trouxe má sorte. "A representação está cancelada"...

O ator e a atriz retornam.

Diretora – Foram soltos?

Ator – Aparentemente, eles foram atrás de outra pista. Estão revistando o teatro de cima a baixo...

Atriz – A Inspectora está metendo o nariz em todo lugar. Uma verdadeira cão policial...

Ator – Então, o que fazemos? Jogamos ou não?

Diretor – Enquanto não encontrarmos o dinheiro, não posso pagar... Mas acabaram de me fazer uma oferta para vender este teatro.

Ator – Você encontrou alguém louco o suficiente para comprar um teatro nos tempos atuais?

Diretora – Um tal Sr. Pomba.

Atriz – Um bicho estranho.

Diretora – Sim, mas essa pomba parece ser um pássaro de mau presságio.

Ator – Pomba, você diz? Francisco Pomba?

Diretor – Sim.

Ator – Esse nome me é familiar... (*Pega seu celular*) Vou fazer uma pequena busca no Google... Aqui está!

Diretor – E então?

Ator – Francisco Pomba. Ele é o representante em Portugal de uma seita em plena expansão mundial... com sede nas Bahamas.

Atriz – Uma seita com endereço em paraíso fiscal. Pelo menos, eles têm senso de humor, além de senso de negócios.

Diretor – E o que é essa seita?

Ator – A Igreja da Excrementologia. Os seguidores são chamados de pombas. E seu guru alega ler o futuro em suas próprias fezes.

Diretora – Quando disse que era um mau presságio.

Diretor – Mas por que esse hipócrita gostaria de adquirir nosso teatro?

Ator – Ele compra teatros com problemas a preços baixos para transformá-los em igrejas de sua seita. Eles já têm mais de um milhão de fiéis em Portugal.

Diretor – Se isso continuar, não poderemos ir ao teatro nesta cidade.

Diretora – Mas haverá Igrejas da Excrementologia em cada esquina.

Diretor – Na época de Molière, a Igreja já havia declarado guerra ao teatro. Pensávamos que tínhamos vencido, mas parece que hoje o império está contra-atacando...

Atriz – Você não vai vender este teatro para ele!

Diretor – Você tem outra solução?

Atriz – De qualquer forma, vamos atuar!

Diretor – Como eu disse, ainda não tenho dinheiro para pagar vocês.

Atriz – Não importa! Atuaremos de graça. Estamos dispostos a fazer qualquer coisa para salvar este teatro e lutar contra o crescimento do obscurantismo excrementológico.

Diretora – Bem, então, vamos lá.

Ator – Vou vestir a roupa.

Atriz – Eu também.

Diretor – Que o espetáculo comece!

O inspetor e a inspetora retornam.

Diretora – Não podem ficar aqui, isto é um palco de teatro, não uma cena de crime. E a peça está prestes a começar.

Inspetor – Começar, não tenho tanta certeza... Recebi uma denúncia. Parece que o seu teatro não cumpre todas as normas de segurança vigentes.

Diretora – Uma denúncia?

Diretor – Alguém está nos atacando, isso está claro.

Inspetora – De qualquer forma, teremos que verificar. Onde estão as saídas de emergência?

Diretora – Bem... Elas estão aqui... e ali...

O inspetor verifica rapidamente as saídas de emergência.

Inspetor – E... você tem o certificado de primeiros socorros?

Diretor – Claro. Aqui está. Eu sempre o carrego comigo, apenas por precaução.

O diretor entrega ao inspetor um papel que ele mal olha.

Inspetora – Está vacinado contra a raiva?

Diretor – Acho que sim... De qualquer forma, nunca morde ninguém... até hoje.

Inspetor – Bem... (*Apontando para o público*) E eles... todos sabem nadar?

Diretora – Teríamos que perguntar a eles, mas, em um teatro, é raro alguém se afogar...

Inspetor – Estava brincando. Você sabe, é possível ser inspetor de polícia e ter senso de humor... Bem, também vi o extintor na entrada. Aparentemente, está tudo em ordem.

Diretor – Depois de um roubo, uma denúncia caluniosa... Alguém está tentando nos prejudicar!

Inspetor – Está pensando em alguém em particular?

Diretora – Já ouviu falar da Igreja da Excrementologia, Inspetor Colombiano...

Inspetor – Eles vão nos explicar tudo isso.

Diretora – Enquanto isso... que comece o teatro.

Diretor – Finalmente!

Saem. Dão três batidas. Molière entra, tossindo em um lenço manchado de vermelho, e senta-se na poltrona. Béjart entra em seguida.

Atriz – Como se sente, Jean-Baptiste?

Ator – Como meu Doente Imaginário, querida Armande. Bastante doente.

Atriz – Mas você está cuspidando sangue, meu amigo... Sua doença está longe de ser imaginária.

Ator – Não é a primeira vez, infelizmente. Vai passar.

Atriz – A menos que seja você quem acabe passando. Seria mais prudente cancelar a apresentação...

Ator – Todo o grupo conta comigo. Se cancelarmos a apresentação, todos perderão o dinheiro de que tanto precisam. Sem mencionar o público que teríamos que reembolsar...

Atriz – Você já deu tanto ao teatro, Senhor Molière. Ninguém está pedindo que sacrifique sua vida por ele...

Ator – Só no teatro eu me sinto realmente vivo... Além disso, reconheça que morrer no palco interpretando o Doente Imaginário... Que elegância! Será que teriam coragem de me negar um enterro cristão?

Atriz – Por que você está tão apegado a um enterro cristão, você que sempre zombou da Igreja?

Ator – Da Igreja, sim. Mas não da verdadeira fé, que é a fé no Homem. Cada representação de minhas peças é uma missa em que celebro o amor pela vida.

Atriz – No final das contas, você é um moralista, meu amigo. Como todos os grandes autores cômicos.

Ator – E como todos os autores cômicos, em alguns anos, serei esquecido. Só lembrarão dos grandes dramaturgos trágicos.

Atriz – Vou ajoelhar-me diante do rei, se for necessário. Você terá seu lugar no cemitério.

Ator – A entrada na Academia me foi negada porque sou ator. Pelo menos que não me neguem a entrada no cemitério pela porta da frente.

Atriz – O futuro fará justiça a você, tenho certeza. Daqui a um século ou dois, assim como dizem "a língua de Shakespeare" para o inglês, dirão "a língua de Molière" para o francês.

Ator – Que Deus a ouça. Então poderei morrer em paz.

Ela faz um gesto carinhoso para ele.

Atriz – Prometa-me que nunca morrerá.

Ator – Não antes do final da apresentação, eu prometo.

Atriz – Então você interpretará o Doente Imaginário...

Ator – Normalmente, é um homem saudável que finge estar doente. Desta vez, será um verdadeiro moribundo fingindo estar saudável para parecer doente.

Atriz – Não é essa a essência do teatro? Criar a ilusão para revelar a verdade.

Ator – Já me sinto melhor.

Atriz – No entanto, fiz vir um médico para examiná-lo. Vou deixá-lo com ele...

A atriz sai e a espectadora entra, como médica.

Espectadora – Então, Senhor Molière, no final você pede ajuda à medicina que ridiculariza em suas peças?

Ator – Eu não zombei da medicina em si. Zombei desses médicos que a ridicularizam. De qualquer forma, obrigado por vir... Armande pediu a vários de seus colegas que se recusaram a vir quando souberam quem era o paciente.

Espectadora – Confesso que eu mesma duvidei muito. E o que o faz sofrer hoje, Senhor Molière?

Ator – Mal me atrevo a lhe dizer, doutora...

Espectadora – Avance, sempre.

Ator – O pulmão.

Espectadora – Não será outra das suas piadas ruins?

Ator – Infelizmente não, garanto-lhe.

Espectadora – É verdade que não tem bom aspecto... Incline-se para a frente e respire profundamente. (*Coloca o ouvido nas costas do paciente*) Infelizmente, receio que tenha razão. Esses pulmões fazem um barulho infernal. Esse inferno que o aguarda se não renunciar à sua profissão satânica a tempo.

Ator – Permita-me pelo menos terminar esta representação. Depois renunciarei a tudo o que quiserem, prometo.

Espectadora – Se não descansar imediatamente, esta representação será a sua última aparição no palco, acredite em mim.

Ator – Não posso decepcionar o meu público. O espetáculo deve continuar.

Espectadora – Mal consegue ficar em pé.

Ator – Não será você quem me envenenou, por acaso? Para impedir que eu desmascare mais uma vez todos esses charlatães...

Molière começa a tossir e parece sentir-se mal.

Espectadora – Está bem, velho?

Ator – Não, não estou bem de forma alguma... Não sei o que está acontecendo comigo de repente...

Espectadora – Mas... isso também faz parte da peça ou está improvisando agora?

Ator – Não... Agora sou eu, o ator, quem está falando. Preciso de ajuda, Doutora...

Tossi novamente.

Espectadora – Na realidade, não sou médica... a não ser no teatro...

A atriz chega.

Atriz – Ouvi que estava tossindo, senhor...

Espectadora – O estado dele piorou subitamente.

Atriz – Mas... será que é Molière quem está se afogando ou o ator que o interpreta?

Espectadora – Confesso que começo a me perder.

O diretor e a diretora chegam, parecendo preocupados.

Diretor – O que está acontecendo?

Atriz – Faça algo, ele está se afogando!

Diretor – Só tenho meu certificado de primeiros socorros. Deveríamos chamar a ambulância.

Atriz – Eu cuido disso...

A espectadora e a atriz levam o ator para os bastidores.

Diretor – Senhoras e senhores, lamentamos muito, voltamos ao ponto de partida... E a peça foi cancelada...

Diretora – Devido a este doente do qual já não sabemos se é imaginário ou não.

O espectador retorna.

Espectador – Aqui está, preparei o contrato de venda, só precisam assinar...

Diretora – Sabemos quem é, senhor Francisco Pomba. Foste descoberto.

Espectador – Mas do que está a falar?

Diretora – Queres transformar este teatro numa igreja para a sua seita.

Espectador – Uma seita... Sempre com as grandes palavras... Sabe, minha amiga, todas as religiões são seitas que tiveram sucesso...

Diretora – Mesmo assim, a Igreja da Excrementologia... Ler o futuro nas fezes de pombas.

Espectador – É completamente científico, garanto-lhe.

Diretora – Não venda a sua alma a este homem diabólico!

Diretor – Infelizmente, não tenho escolha... É isso ou a ruína...

Diretora – Pensa em Molière. Ele morreu no palco em vez de cancelar uma apresentação.

Diretor – O que quer que eu faça? Comecei a minha carreira como cafetão. Tornei-me diretor de teatro... Mas é preciso encarar a realidade, nunca serei Molière.

O diretor assina.

Espectador – Obrigado... Deus o recompensará... E enquanto isso, aqui está o seu cheque.

Sai.

Diretora – Então desta vez acabou. Foi a última apresentação...

O inspetor retorna.

Diretor – Inspetor, ainda não encontraram o dinheiro...

Inspetor – Ainda não, mas estamos a levar este assunto muito a sério, porque parece que nos últimos meses vários teatros têm sido alvo de tentativas de intimidação.

Diretor – Tentativas de intimidação?

Diretora – E se este guru da Igreja da Excrementologia também envenenou o Jean-Baptiste para sabotar esta representação, levar-nos à falência e nos obrigar a vender?

O telefone celular do inspetor toca e ele atende.

Inspetor – Inspetor Colombo, estou ouvindo... Sim... Sim... Muito bem, obrigado...
(*Guarda o celular*) O Pereira acaba de encontrar o dinheiro!

Diretora – Mas como...

Inspetor – Acreditem, esta mulher tem mais faro do que um pastor-alemão...

Diretor – E eu que pensava que o dinheiro não tinha cheiro...

Inspetor – Mas o mais surpreendente neste caso não é isso, acreditem!

Diretor – A sério? E onde é que o ladrão escondeu o dinheiro?

A inspetora chega.

Inspetora – Num compartimento secreto na secretária dele, Senhor Diretor.

Diretor – O quê?

Inspetora – Nós o prendemos por difamação caluniosa e tentativa de fraude.

Diretor – Garanto-lhe, Inspetor, que não faço ideia de quem poderia ter escondido o dinheiro lá. Nem sabia que essa secretária tinha um compartimento secreto.

Inspetora – Quem mais senão o senhor poderia tê-lo feito?

Um momento de silêncio.

Diretora – Está bem, eu admito... Fui eu...

Diretor – Foi você quem roubou a bilheteira do teatro? Mas porquê?

Diretora – Este espetáculo estava destinado ao fracasso. Nada estava pronto, você bem sabe. Foi a única coisa que me ocorreu para cancelar a apresentação no último minuto. E improvisar...

Inspetor – Então, resumindo, você vende ingressos para essas pessoas honestas para um espetáculo que não existe e rouba a renda para não ter que representá-lo, sem devolver o dinheiro aos espectadores.

Inspetora – Reconheçam que é bastante ardiloso.

Diretor – Dito isto, não enganámos ninguém, já que a peça se chamava "A representação está cancelada".

Inspetor – Os maiores vigaristas costumam expor as suas mentiras de forma tão óbvia que parecem verdadeiras.

Diretora – Afinal de contas, o teatro é uma fraude. Os espectadores sabem muito bem que tudo o que acontece no palco é apenas uma ilusão, e no entanto, nunca pedem o dinheiro de volta no final.

O espectador retorna.

Diretor – Se somos vigaristas, aqui está outro, Inspetor! Este hipócrita envenenou Molière!

Inspetor – O que tem a dizer, senhor?

Espectador – Vou responder que se ninguém aqui é realmente o que aparenta ser, então o senhor também não é o dono deste teatro que acabou de me vender...

Diretor – E você também não é realmente o comprador.

Diretora – A boa notícia é que este teatro ainda não foi realmente vendido e, portanto, poderá continuar a existir.

Inspetora – Então, também somos atores, Colombiano?

Inspetor – Exatamente, Martínez. Até me pergunto se não terá sido você a autora desta farsa. Vi o seu nome no cartaz.

Inspetora – O meu nome é Ferreira.

Diretor – De qualquer forma, estamos todos de acordo num ponto. Já que tudo aqui é falso, é uma verdadeira peça de teatro! A representação ocorreu e ninguém será reembolsado.

O espectador entra.

Diretor – Se somos vigaristas, Inspetor, há outro aqui! É esta hipócrita que envenenou Molière!

Inspetor – O que tem a dizer, senhor?

Espectador – Vou responder que se ninguém aqui é realmente o que aparenta ser, então o senhor também não é o dono deste teatro que acabou de vender...

Diretor – E a senhor também não é realmente o comprador.

Diretora – A boa notícia é que este teatro ainda não foi realmente vendido e, portanto, poderá continuar a existir.

Inspetora – Então, também somos atores, Colombiano?

Inspetor – Exatamente, Martinez. Até me pergunto se não terá sido você a autora desta farsa. Vi o seu nome no cartaz.

Inspetora – O meu nome é Ferreira.

Diretor – De qualquer forma, estamos todos de acordo num ponto. Já que tudo aqui é falso, é uma verdadeira peça de teatro! A representação ocorreu e ninguém será reembolsado.

Atriz – Tudo está bem quando termina bem. E chegou a hora do monólogo.

O ator entra como o fantasma de Molière, com um lençol sobre ele e um balde na mão.

Ator – O meu nome é Jean-Baptiste Poquelin, mas sou mais conhecido como Molière... Dediquei a minha vida ao teatro, numa época em que era muito mais arriscado zombar dos contemporâneos, especialmente dos mais poderosos. E ainda mais quando usavam uma batina. Embora não tenha morrido em palco, como costuma dizer-se, servi o teatro até ao meu último suspiro. Foi após esta última representação de "O Doente Imaginário" no Teatro do Palais Royal que entreguei a minha alma. Como nenhum padre aceitou administrar-me os últimos sacramentos, não pude abjurar da minha profissão de ator no meu leito de morte, como deveria ter feito para ser reintegrado in extremis na comunidade da Igreja. Mas o Rei Luís XIV teve piedade de mim. Intercedeu a meu favor e consegui escapar à vala comum. São Pedro também não foi muito severo comigo, pois aceitou-me no seu paraíso. *(Pausa)* Precisamente, venho do paraíso. E acreditem, no paraíso aborrece-se. Por que acham que Adão e Eva aproveitaram a primeira oportunidade para escapar do paraíso terrestre? A certeza da felicidade eterna é mortalmente aborrecida, garanto-vos. A vida também nem sempre é divertida, claro. Provavelmente por isso, os homens, depois de inventarem Deus, inventaram o teatro. "O teatro é a vida, com menos momentos aborrecidos", diria mais tarde Alfred Hitchcock, que, no entanto, era um homem do cinema. Por isso, sempre que posso, durante o tempo de uma representação, escapo do paraíso para voltar a rondar os palcos dos teatros. Continuem a lutar hoje para que a representação não seja cancelada. Para que os teatros não se tornem novas igrejas. *(Pausa)* Mas agora que o espetáculo terminou, tenho de voltar de onde vim. E vocês têm de regressar a essa realidade que temporariamente deixaram para trás ao entrarem nesta sala. O sonho terminou. E para acordar, como prometi, nada melhor do que um bom balde de água na cabeça...

Lança sobre o público o conteúdo do seu balde, do qual resulta uma chuva de estrelas.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Crise e Castigo
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cuco
O genro perfeito
O Rei dos idiotas
Pequeno homicídio sem consequências
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-998-0

Documento para download gratuito